

**HAMLET**  
**DE**  
**SHAKESPEARE**  
**COM**  
**COMENTÁRIOS**

## **FINALIDADE DESTA OBRA**

Os materiais literários do autor não têm fins lucrativos, nem lhe gera quaisquer tipo de receita. Os custos do livro são unicamente para cobrir despesas com produção, transporte, impostos e revendedores. Sua satisfação consiste em contribuir para o bem da educação, uma melhor qualidade de vida para todos os homens e seres vivos, e para glorificar o único Deus Todo-Poderoso. Meus livros estão disponíveis gratuitamente na internet. Todos são registrados como de domínio público.

### **AUTORIZAÇÃO**

O livro pode ser reproduzido e distribuído por quaisquer meios, usado e traduzido por qualquer entidade religiosa, educacional ou cultural sem prévia autorização do autor. Todos os meus livros são de domínio público.

**AUTOR:** Escriba de Cristo é licenciado em Ciências Biológicas e História pela Universidade Metropolitana de Santos; possui curso superior em Gestão de Empresas pela UNIMONTE de Santos; é Bacharel em Teologia pela Faculdade das Assembleias de Deus de Santos; tem formação Técnica em Polícia Judiciária pela USP e dois diplomas de Harvard University dos EUA sobre Epístolas Paulinas e Manuscritos da Idade Média. Radialista profissional pelo Senac de Santos, reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Nasceu em Itabaiana/SE, em 1969. Em 1990 fundou o Centro de Evangelismo Universal; hoje se dedica a escrever livros e ao ministério de intercessão. Não tendo interesse em dar palestras ou participar de eventos, evitando convívio social.

[Título do livro], por [Nome do autor]

CONTATO:

<https://www.facebook.com/centrodeevangelismouniversal/>

<https://www.facebook.com/escribade.cristo>

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)

*M543    Escriba de Cristo, 1969 – Hamlet de*

*Shakespeare com comentários*

*Itabaiana/SE                  Amazon.com*

*Clubedesautores.com.br, 2018*

*212 p. ; 21 cm*

ISBN-13: 978-1721807574

ISBN-10: 1721807578

1. Shakespeare 2. Hamlet 3. Teatro

4. Adultério 5. Literatura Inglesa - Título

*CDD 820*

*CDU 82 / 2*

**CENTRO DE EVANGELISMO UNIVERSAL**  
**-CGC 66.504.093/0001-08**

## **INTRODUÇÃO**

Resolvi escrever meus comentários sobre esta peça trágica de Shakespeare tendo em vista o valor literário desta obra. Podemos dizer que é uma leitura obrigatória para aqueles que desejam estar antenados no melhor da literatura mundial. Esta peça retrata a tragédia familiar da qual todos nós temos assistido e quando não, presenciamos e vivemos em nossas próprias famílias tragédias semelhantes ou parecidas. A verdade é que a história humana é uma tragédia, desde que os dois primeiros humanos foram transgressores quando só tinham um mandamento a obedecer, como foi o caso de Adão e Eva e depois na minúscula família, um irmão matou o outro como aconteceu com Caim e Abel. Com uns antecessores destes, por que seríamos pessoas melhores???

Estima-se que já foram escritos 60 mil livros a respeito desta peça teatral, considerada uma obra-prima de Shakespeare. Outros apontam evidências nesta obra que Shakespeare era de criatividade pobre, que ele não criava estórias inéditas, mas copiava o perfil dos seus personagens de outras obras por ele consultadas, ou de pessoas que ele conhecia. Bem, isto em nada desabona qualquer escritor, cada um escreve sobre a sua realidade:

Um especialista da Universidade de Oxford, Inglaterra, encontrou documentação de uma história que poderá ter inspirado William Shakespeare no trágico fim da personagem Ofélia, na obra "Hamlet".

[Título do livro], por [Nome do autor]

Steven Gunn, investigador de Oxford, descobriu um documento que revela que Jane Shaxspere morreu afogada em 1569, ao cair ao rio enquanto colhia flores perto de uma barragem.

O investigador avança com a possibilidade de a criança, que morreu com dois anos e meio, ser prima do dramaturgo, uma vez que o incidente ocorreu perto de Stratford Upon Avon, a cidade natal de William Shakespeare e por ter apelido semelhante.

Esta descoberta coloca em aberto a possibilidade de Shakespeare se ter inspirado no trágico desfecho da menina, para a morte de Ofélia. A personagem em "Hamlet", enlouquecida acaba por morrer afogada ao cair a um rio.

No entanto, Emma Smith, também da Universidade de Oxford, avança outra hipótese. A investigadora, citada pela BBC, sugere como fonte de inspiração para o dramaturgo a morte de Hamlet Katherine, uma contemporânea de Shakespeare que se afogou no rio Avon. (4)

Pesquisadores têm encontrado outras evidências que Shakespeare tenha se inspirado em fontes literárias antigas, uma vez que há várias semelhanças entre seus personagens em Hamlet com personagens de outras tragédias antigas.

São identificadas muitas fontes antigas para o texto de *Hamlet*. A primeira trata-se de *Hrólfs saga kraka*, uma saga legendária da Escandinávia. Nela, o rei assassinado tem dois filhos — Hroar e Helgi — que passam a maior parte da história disfarçados sob nomes falsos, ao invés de fingirem estar numa condição de loucura — e é nisso que o texto difere-se do *Hamlet* de Shakespeare, onde o príncipe finge-

se louco. O segundo é a lenda romana de Bruto, registrada em dois trabalhos latinos diferentes. O herói, Lúcio (em latim "iluminado, luz"), muda seu nome para Brutus (em latim "estúpido", "bravo"), mudando também sua personalidade, passando a ser "idiota" para evitar o destino de seu pai e irmãos, acabando por degolar o assassino de sua família, o Rei Tarquinius. Torfaeus, um estudioso nórdico do século XVII, comparou o herói Amlodi e o herói espanhol Príncipe Ambales (da Saga de Ambales) ao Hamlet de Shakespeare. As semelhanças entre os textos, pelo menos, são bastante óbvias: a falsa loucura do príncipe, seu abate accidental do conselheiro do rei no quarto da mãe, e o eventual assassinato do tio.

A maioria dos primeiros elementos legendários foram entrelaçados no *Vita Amlethi* ("A Vida de Amleto") que data do século XIII, de Saxão Gramático, fazendo parte do Feitos dos Danos. Escrito em latim, o texto reflete o conceito clássico romano acerca da virtude e do heroísmo, e foi amplamente estudado na época de Shakespeare. Os principais paralelos no enredo são a loucura fingida do príncipe, o casamento apressado de sua mãe com o usurpador, o assassinato que o príncipe comete de um espião escondido e a sorte que ele adquire ao se esquivar da morte e fazer com que outros dois morram em seu lugar. Uma versão fiel e moderada da história de Saxo foi traduzida na França em 1570 por François de Belleforest, em seu *Histoires Tragiques*. Belleforest, em seu trabalho de tradução, embelezou a obra de Saxo, além de dobrar o tamanho do texto e introduzir um elemento que, com certeza, Shakespeare usaria posteriormente: a melancolia do herói. (5)

## **William Shakespeare**

### **ÍNDICE**

#### ATO I

Cena I  
Cena II  
Cena III  
Cena IV  
Cena V

#### ATO II

Cena I  
Cena II

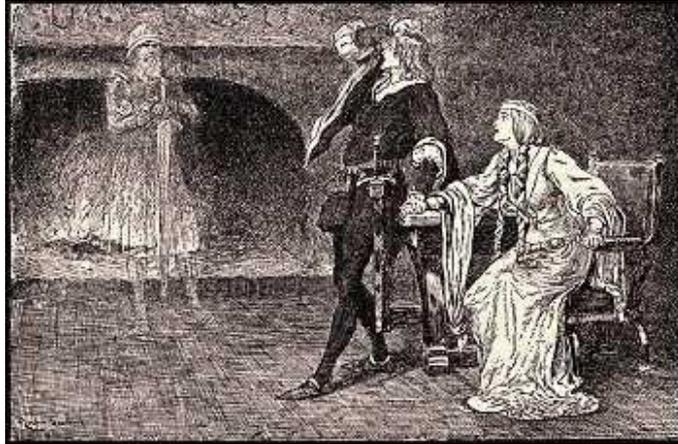
#### ATO III

Cena I  
Cena II  
Cena III  
Cena IV

#### ATO IV

Cena I  
Cena II  
Cena III  
Cena IV  
Cena V  
Cena VI  
Cena VII

ATO V  
Cena I  
Cena II



**Personagens Dramáticas**

**CLÁUDIO** (*rei da Dinamarca*)

**HAMLET** (*filho do defunto rei e sobrinho do rei reinante*)

**FORTIMBRAS** (*príncipe da Noruega*)

**HORÁCIO** (*amigo de Hamlet*)

**POLÔNIO** (*camareiro-mor*)

**LAERTES** (*seu filho*)

**VOLTIMANDO** (*cortesão*)

**CORNÉLIO** (*cortesão*)

**ROBENCRANTZ** (*cortesão*)

**GUILDENSTERN** (*cortesão*)

**OSRICO**

Um nobre

Um padre

**BERNARDO** (*oficial*)

**MARCELO** (*oficial*)

**FRANCISCO** (*soldado*)

**REINALDO** (*criado de Polônio*)

Um capitão

Embaixadores ingleses

Atores, coveiros

**GERTRUDES** (*rainha da Dinamarca, mãe de Hamlet*)

**OFÉLIA** (*filha de Polônio*)

Nobres, senhoras, oficiais, soldados, marinheiros,  
mensageiros e criados

O Fantasma do pai de Hamlet

---

## ATO I

### Cena I

*Esplanada do castelo de Elsinor  
Francisco, de sentinela; Bernardo entra.*

BERNARDO — Quem está aí?

FRANCISCO — Não; responda-me; pare e diga o  
nome.

BERNARDO — Viva o rei!

FRANCISCO — Bernardo?

BERNARDO — Ele mesmo.

FRANCISCO — Vindes exatamente na vossa  
hora.

BERNARDO — Meia-noite, Francisco. Vai deitar-te.

FRANCISCO — Muito grato vos sou por me renderdes. Que frio! Chega a doer-me o coração.

BERNARDO — Foi calma a guarda?

FRANCISCO — Não buliu nem rato.

BERNARDO — Então, boa noite. Se vires por aí Marcelo e Horácio, dize-lhes que se apressem; estão ambos escalados comigo.

FRANCISCO — Julgo ouvi-los. Olá! Não se aproximem. Quem está aí? (*Entram Horácio e Marcelo*)

HORÁCIO — Amigos desta terra.

MARCELO — E súditos do rei da Dinamarca.

FRANCISCO — Boa noite para todos.

MARCELO — Outro tanto te desejamos nós, meu bom soldado. Quem te rendeu na guarda?

FRANCISCO — Foi Bernardo. Mais uma vez, boa noite. (*Sai*)

MARCELO — Olá, Bernardo!

BERNARDO — Fale. Horácio está aí?

HORÁCIO — Ele em pessoa.

BERNARDO — Bem-vindo, Horácio; salve, bom Marcelo.

MARCELO — E a tal coisa, esta noite apareceu?

BERNARDO — Não vi nada.

MARCELO — Horácio diz que tudo é fantasia; não quer acreditar no que contamos sobre a visão que duas vezes vimos. Por isso, o convidei a vir fazer-nos companhia nas horas desta noite. Dessa forma ele confirma nossos olhos, se a aparição voltar, e fala com ela.

HORÁCIO — Qual! Não vem! Não vem nada.

BERNARDO — Bem, sentemo-nos; renovemos o assalto aos teus ouvidos, que tão fortes se mostram para a história do que vimos duas noites.

HORÁCIO — Pois sentemo-nos, para ouvir a Bernardo sobre o assunto.

BERNARDO — Na última noite, ao vir iluminar aquela estrela, que está a oeste do pólo, a parte exata do céu em que ora brilha, eu e Marcelo, ao soar uma hora o sino...

MARCELO — Pára! Não continues; ei-lo de novo.  
(*Entra o Fantasma*)

BERNARDO — Exatamente a forma do rei morto.

MARCELO — Fala-lhe tu, Horácio, que és instruído.

BERNARDO — Não é igual ao rei? Vê bem, Horácio.

HORÁCIO — Igual; o espanto e o medo me confundem.

BERNARDO — Deseja que lhe falem.

MARCELO — Fala, Horácio.

HORÁCIO — Quem és, que assim usurpas estas horas da noite e a forma nobre e belicosa que ostentava, marchando, a majestade do sepultado rei da Dinamarca? Pelo céu, fala; ordeno-te!

MARCELO — Ofendeu-se.

BERNARDO — Vai recuando.

HORÁCIO — Detém-te e fala! Intimo-te! (*Sai o Fantasma*)

MARCELO — Foi-se, sem dizer nada.

BERNARDO — Então, Horácio? Assim tremendo e pálido... Não é mais do que simples fantasia? Que pensais de tudo isso?

HORÁCIO — Perante meu Deus, nisso poderia não ter acreditado sem a sensível e verdadeira testemunha de meus próprios olhos.

MARCELO — Ao rei se assemelha?

HORÁCIO — Como tu te assemelhas a ti mesmo. Essas as armas que trazia, quando derrubou o ambicioso Norueguês; desse modo franziu o sobreceño, depois da discussão, quando no gelo jogou a resistente machadinha. É muito estranho.

MARCELO — Por duas vezes, já, nesta hora morta, passou por nós com o mesmo ar belicoso.

HORÁCIO — Não posso achar explicação; contudo, de maneira geral, penso que o fato é indício de algum mal para nós todos.

MARCELO — Sentem-se, então, e quem souber nos diga donde vem fatigarem-se os vassallos deste reino

com guardas rigorosas; e mais: por que fundir canhões de bronze, por que tanto armamento do estrangeiro, por que trabalham tanto os arsenais, sem das semanas separar os sábados? Que nos ameaça, para que essa faina suarenta a noite mude em companheira de trabalho do dia? Quem me pode dar disso a explicação?

HORÁCIO — Eu, quero crê-lo. É o que se fala, ao menos: o defunto monarca, de quem vimos, ora, a imagem, foi desafiado, como é bem sabido, por Fortimbrás, a quem ciumento orgulho dava ousadia. O nosso bravo Hamlet — que assim por estes mundos lhe chamavam — matou o Norueguês, que, por contrato selado e sancionado pelas normas da nobreza, legava ao adversário todos os territórios ocupados, se a vida a perder viesse na compita. Nosso rei, por seu lado, o equivalente de terras empenhou, que caberiam a Fortimbrás, no caso de afirmar-se vitorioso, tal como, pela força desse artigo, as daquele para Hamlet foram deixadas. Mas agora o moço Fortimbrás, ardoroso porém falho de experiência, alistou pela fronteira da Noruega, só a preço de comida, uns tipos corajosos e sem terras, que antevêm qualquer empresa gorda — que não é outra, justamente, como nosso Estado, de há muito, o reconhece — senão nos constranger pela violência das armas a entregar-lhes esses domínios que de seu pai nos vieram. Eis a origem principal, quero crer, de tanta azáfama, a causa desta guarda e a maior fonte da lufalufa em que se agita o reino.



BERNARDO — É o que eu penso, também; deve ser isso. É o que explica passar por nossa guarda semelhante portento sob o aspecto do rei que foi e é causa desta guerra.

HORÁCIO — O olho da inteligência um argueiro o turva. Na época mais gloriosa da alta Roma, pouco antes de cair o grande Júlio, saíram dos sepulcros os cadáveres em seus lençóis, gemendo pelas ruas. Depois, chuvei sangue, apareceram manchas no Sol, cometas; e o úmido astro que tem força no reino de Netuno, do eclipse padeceu do fim das coisas. Idênticos sinais de cruéis eventos — precursores que são sempre dos Fados e prólogo de agouros iminentes — enviaram juntamente o céu e a terra por sobre o nosso clima e nosso povo. Mas, silêncio! Cautela! Ei-lo que volta. (*Entra o Fantasma*) Vou falar-lhe, ainda mesmo que me mate. Pára, ilusão! Se tens o uso da fala, responde-me! Se é de necessidade fazer algo de bom, que te alivie e me dê graça, fala-me!

Se estás a par de algum mal iminente de tua pátria, e que possa ser desviado, oh, fala-me! Ou, ainda, se escondeste sob a terra, quando vivo, tesouros extorquidos, razão, se diz, de as almas retornarem, (*Um galo canta*) detém-te e fala. Agarra-o bem, Marcelo.

MARCELO — Posso dar-lhe com minha partasana?

HORÁCIO — Se resistir.

BERNARDO — Aqui!

HORÁCIO — Por este lado! (*Sai o Fantasma*)

MARCELO — Desapareceu! Foi mal de nossa parte, em tanta mostra de majestade, usarmos de violência. Como o ar, é invulnerável, não passando de brincadeira os nossos golpes vãos.

BERNARDO — Ia falar; o galo o não deixou.

HORÁCIO — Nesse instante, tremeu como culpado diante da citação de ruim presságio. Ouvi dizer que o galo, essa trombeta da manhã, com sua voz vibrante e clara, desperta o deus do dia, e que a esse aviso, quer no mar, quer no fogo, no ar, na terra, os errantes espíritos retornam para seus postos, do que temos clara confirmação em quanto presenciemos.

Estes funcionários do castelo iriam informar Hamlet que o espírito do seu pai rondava o castelo. Eu sustento a teoria que após a morte alguns espíritos emitem desejos, sentimentos e energia que acabam impregnando o ambiente. O morto segue seu destino eterno, mas algumas coisas não resolvidas podem ainda sofrerem influência dos seus últimos desejos. No meu

livro PARAPSIKOLOGIA BÍBLICA falo sobre o estado moribundo.

MARCELO — Quando o galo cantou, desvaneceu-se. Dizem que quando o tempo se aproxima de a data festejarmos do natal do nosso Salvador, essa ave canta durante toda a noite. Então, espírito nenhum anda vagante, dizem; todas as noites são salubres; os planetas não têm influência, os gnomos, os bruxedos: tão gracioso é esse tempo e tão sagrado.

Crenças astrológicas, em encantamentos sempre permearam os povos e na época de Shakespeare era ainda mais comum.

HORÁCIO — Ouvi falar, também, e em parte o creio. Mas vede: a aurora com seu manto rubro passeia sobre o orvalho além do morro. Ponhamos fim à guarda. Sou de aviso que os fatos desta noite os transmitamos ao moço Hamlet, pois, por minha vida, esse espírito mudo há de falar-lhe. Concordais em fazer-lhe esse relato que o dever e a afeição de nós o exigem?

MARCELO — Façamo-lo, vos peço; eu sei o ponto em que é fácil falar-lhe esta manhã. (*Saem*)

---

## Cena II

*Uma sala de recepção no castelo. Entram o Rei, a Rainha, Hamlet, Polônio, Laertes. Voltimando, Cornélio, nobres e séquito.*

O REI — Conquanto esteja fresca, ainda, a memória do traspasso de Hamlet, o irmão saudoso, e chorá-lo devêssemos, contraindo toda a corte em tristeza o sobrececho: tanto a razão se impõe à natureza que com sábia tristura o relembramos ao tempo em que pensamos em nós mesmos. Por isso, à que era nossa irmã, e agora nossa rainha, a imperial herdeira deste reino guerreiro, com alegria, por bem dizermos, parcialmente frustra, num dos olhos o choro, no outro o riso, ledos no funeral, tristes na igreja, sabendo equilibrar a dor e o encanto, tomamos como esposa, após ouvirmos vossos conselhos, sempre e em tudo livres. Nossos agradecimentos por tudo isso. Agora Fortimbrás, o moço, como bem o sabeis, subestimando nossa força, ou mesmo pensando que o traspasso de nosso irmão poria o Estado fora dos eixos, sonha com vantagens pessoais, não cessando de inquietar-nos com mensagens que visam a reaver-nos as terras que seu pai perdeu na luta, conforme as condições estipuladas com nosso bravo irmão. Sobre ele, basta. Passemos a tratar de nós e desta convocação: é o caso que escrevemos a Noruega, tio desse moço Fortimbrás, que, de cama e muito doente, de certo ignora os planos do sobrinho, pedindo-lhe intervenha no sentido de soffrear-lhe o ardor, visto que as levas e alistamentos estão sendo feitos nos seus domínios. Daí vos despacharmos, bom Cornélio, e também vós, Voltimando, com meu saudar ao velho Norueguês, sem mais poder pessoal para tratardes com o rei, além do que estiver previsto nas vossas instruções. E agora, adeus; que a pressa recomende o vosso zelo.

CORNÉLIO e VOLTIMANDO — Demonstrará-emos nisto, como em tudo.

O REI — Estamos certos disso; passai bem. (*Voltimando e Cornélio saem*) Dize agora, Laertes, que pretendes. Já nos falaste de algo. Que é, Laertes? Não se dará que percas as palavras, se falares com senso ao soberano da Dinamarca. Que nos poderias pedir, Laertes, que não fosse nossa dádiva, não pedido de tua parte? A cabeça não é tão bem casada com o coração, nem serve a mão à boca com mais zelo, que ao trono teu bom pai. Que desejas, Laertes?

LAERTES — Real senhor, permissão de regresso para a França. Ainda que de bom grado eu tenha vindo à vossa coroação, confessar devo que, cumprido o dever, meus pensamentos e desejos, sujeitos à vossa alta benevolência, à França me conduzem.

O REI — Teu pai já o consentiu? Que diz Polônio?

POLÔNIO — Sim, milorde, arrancou de mim meu tardo consentimento à custa de insistência, tendo eu, por fim, selado seu pedido com meu custoso “sim”. Por isso, peço-vos consentirdes que volte para a França.

O REI — Laertes, a hora é boa; usa o teu tempo e a teu sabor e dotes o aproveita. E agora, primo Hamlet, primo e filho...

HAMLET (*à parte*) — Parente, mais; querido, muito menos.

O REI — Por que sempre o teu rosto com essas nuvens?

HAMLET — Nem tanto, meu senhor, o Sol me aquece.

A RAINHA — Despe-te, bom Hamlet, desse luto, e deita olhar amigo à Dinamarca. Não prossigas assim, de olhos caídos, a procurar teu nobre pai na poeira. É lei comum, tu o sabes; quantos vivem, passam da natureza para a vida da eternidade.

HAMLET — É lei comum, realmente, minha senhora.

A RAINHA — Então, se é assim com todos, que te parece estranho nesse caso?

HAMLET — Não parece, senhora; é. Não conheço “pareces”, boa mãe. Nem esta capa sombria, nem as vestes costumeiras de solene cor negra, os tempestuosos suspiros arrancados do imo peito, as torrentes fecundas que me descem dos olhos, o semblante acabrunhado, nem todas as demais modalidades da mágoa poderão nunca, em verdade, definir-me. Parecem, tão-somente, pois são gestos de fácil fingimento. Mas há algo dentro em mim que não parece. Tudo isso é roupa e enfeite do infortúnio.

O REI — Recomenda-te, Hamlet, a natureza chorares o teu pai dessa maneira. Mas, lembra-te: teu pai perdeu um pai, que o seu, também, perdera. Ao filho vivo cabe o grato dever de lastimá-lo por algum tempo. Mas mostrar tão grande obstinação no luto, é dar indícios de teima e de impiedade; é a dor dos fracos; revela uma vontade ímpia e rebelde, coração débil, mente anarquizada, inteligência pobre e sem cultivo. Se tem de ser assim, tal como as coisas mais comuns que aos sentidos nos afetam, para que nos mostrarmos rigorosos e pueris? Ora! É ofensa ao próprio céu, à natureza, aos mortos, mais que absurda para a razão, cujo princípio